

## EXAMINANDO A TECNOCIÊNCIA, A GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL E A EDUCAÇÃO EM UM CURSO TÉCNICO AGRÍCOLA

Neila de Toledo e Toledo<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo problematiza os efeitos da tecnociência vinculada à governamentalidade neoliberal na formação do Técnico Agrícola do IFRS-Sertão. O material de pesquisa é constituído por entrevistas realizadas com 4 egressos do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio da referida instituição. Em termos metodológicos foi realizada uma pesquisa qualitativa, sendo os dados escrutinados na perspectiva da análise do discurso, como proposta por Michel Foucault. O exame das entrevistas mostrou que a tecnociência: a) é uma forma de exercício da governamentalidade neoliberal. b) sustentada por determinadas verdades governa os estudantes a admitir que é o que pode levá-los a conseguir excelentes colocações no mercado de trabalho agrícola. Conclui-se, por fim, que o referido Curso Técnico conduz os alunos a admitir que a tecnociência é o que pode levá-los ao sucesso em sua vida profissional e que, para isso, a continuidade nos estudos é importante.

**Palavras-Chave:** Curso Técnico Agrícola, Entrevistas, Tecnociência, Governamentalidade Neoliberal.

### Introdução

Neste artigo, discuto como a governamentalidade neoliberal, sustentada por determinadas verdades, atua na formação do Curso Técnico Agrícola do IFRS-Sertão<sup>2</sup>. Nesse ínterim, destaco que na governamentalidade neoliberal acontece a subordinação da “[...] racionalidade política (e demais domínios da sociedade) à racionalidade econômica” (LAGASNERIE, 2013, p.48). Desse modo, “[...] o Estado é colocado sob a vigilância do mercado; ele deve governar não apenas para o mercado, mas também em função do que dita a lógica do mercado” (LAGASNERIE, 2013, p.48).

O mundo globalizado e as novas configurações do capitalismo vigente trouxeram consigo implicações que provocam transformações em todas as esferas da vida humana (cultural, econômica, social, política, etc.) (BOCASANTA; KNIJNIK, 2016) e nos modos de pensar a ciência (MOCROSKY; BICUDO, 2013). Em outras palavras, a concepção de ciência que emergiu junto com a modernidade também vem sofrendo mudanças

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Unisinos, Professor de matemática do Instituto Federal Catarinense - IFC, Rio do Sul SC, Brasil. E-mail: neila.toledo@ifc.edu.br

<sup>2</sup> O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Sertão (IFRS-Sertão) originou-se da Escola Agrotécnica Federal de Sertão (EAFS), em decorrência do plano de reconfiguração da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPT), desencadeado juntamente com a política de sua expansão, na criação dos IFs no Brasil. A instituição localiza-se no município de Sertão (RS) (TOLEDO, 2017).

“possivelmente a mais significativa delas é sua estreita relação com a tecnologia” (BOCASANTA, KNIJNIK, 2016, p. 140).

Esse novo entendimento de ciência que, emergiu junto com a modernidade, nomeada por Latour (2011) como tecnociência<sup>3</sup>, provocou mudanças na prática científica. De modo que, o conhecimento científico deixou de ser entendido como um fim e um bem em si mesmo, para se transformar em um meio para outras finalidades (econômicas, políticas e sociais). A tecnociência contemporânea representa o entrelaçamento da produção de conhecimento científico, das técnicas e do capitalismo no interior da racionalidade neoliberal vigente (TOLEDO, 2017).

Desse modo, os discursos da ciência, na atualidade, inclinam-se a serem úteis ao discurso da tecnologia e do mercado vigente, constituindo, assim, uma constante troca de interesses em que, “[...] o mercado tende a fornecer suporte, legitimidade e impulso para os avanços técnico-científicos, a tecnologia confirma a “verdade” do funcionamento do mercado”. Ou seja, a tecnociência, para o autor, é uma “[...] máquina, uma locomotiva em marcha [...]. Não pode e não deve ser obstaculizada, dirigida, politizada”. Portanto, faz “[...] parte do funcionamento de um dispositivo que contribui, ao mesmo tempo, para modular a construção dos saberes, a constituição dos sujeitos, o funcionamento do governo de si e dos outros” (CASTELFRANCHI, 2008, p. 10).

Na atualidade, o estudo de (BOCASANTA, KNIJNIK, 2016) mostra o lugar privilegiado que a educação escolarizada e não escolarizada ocupa na busca de tecnocientificar (todos) os indivíduos e a sociedade, ou seja, a tecnociência em nossos tempos é posicionada no centro do processo educativo como um meio de garantia do progresso socioeconômico do indivíduo e da nação. É neste contexto, brevemente apresentado, que se insere a pesquisa realizada que propiciou a escrita deste artigo. Na próxima seção, é apresentado o referencial teórico-metodológico e a descrição do material de pesquisa.

## **Referencial teórico-metodológico e material de pesquisa**

---

<sup>3</sup> Nesta pesquisa, enfatizo que não pretendo fixar um conceito final para essa expressão, mas apresentar alguns usos que julgo produtivos e importantes. Não tenho a pretensão de expor sistematicamente nem exaustivamente o termo tecnociência. O que quero é introduzir algumas ideias, a fim de qualificar a discussão que aqui estou propondo.

Para fins de análise, no presente estudo, foram considerados como material de pesquisa entrevistas com 4 egressos<sup>4</sup> do curso Técnico em Agropecuária do IFRS-Sertão. A estratégia analítica posta em ação para operar com esse material orientou-se pela análise do discurso em uma perspectiva foucaultiana. Seguindo as formulações de Foucault, considero a noção de discurso “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2013, p. 60), e não como um “[...] puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras” (FOUCAULT, 2013, p. 59).

Para o filósofo, discurso é “[...] um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva” ou um “número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2013, p. 143). Ele compreende por formação discursiva ou sistema de formação: “[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia” (FOUCAULT, 2013, p. 82). Ou seja, quando falamos em discurso econômico, político, feminista, psiquiátrico, médico ou pedagógico, estamos demarcando que cada um deles faz parte de um conjunto de enunciados, vinculado a um determinado sistema de formação ou formação discursiva: da economia, da ciência política, da medicina, da pedagogia, da psiquiatria (FISCHER, 2012).

Foucault (2012, p. 8-9) argumenta que a produção do discurso, em toda sociedade, é, ao mesmo tempo, “[...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos”, cuja função é “conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade”. Por isso, não considero o material de pesquisa que compõe o trabalho como fonte verdadeira e suficiente, mas como monumento, no sentido atribuído por Foucault (2013, p. 8), “onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em

---

<sup>4</sup> Este estudo, que é parte da minha pesquisa de doutorado, tem o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deliberado pelo Comitê. No início de cada entrevista, apresentei os objetivos e procedimentos da pesquisa, para depois solicitar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as normas de ética nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, escolhi identificá-los ao longo deste texto como Carlos, Luis, Jean e Gabriel. Foram contatados 15 alunos, desses 7 aceitaram participar da pesquisa. Neste texto apresento trechos das entrevistas realizadas com 4 ex-alunos. Com relação a escolha dos sujeitos da pesquisa, destaco que são egressos dos anos de 2010, 2012 e 2015.

profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos”.

No decorrer das entrevistas, escolhi, inspirada em Souza (2015, p. 48), formular uma questão (chamada pelo autor de “motivadora”) para dar início às entrevistas, seguida de outras perguntas cujas respostas poderiam contribuir para a investigação. A questão “motivadora” foi: “relate sobre a sua formação no curso Técnico em Agropecuária – IFRS-Sertão: que lembranças o curso traz à tona?”. A partir dela, os participantes narraram suas trajetórias profissionais como técnicos agrícolas e detalharam sua formação no IFRS, comentando sobre as aulas das disciplinas da formação técnica e da formação básica e relatando o que a instituição representou ou representa para suas vidas.

Considerei fundamental “vagar” pelo campo investigativo, olhar para as entrevistas e observar o que elas diziam, “[...] conhecer suas sendas, suas brechas, estabelecer com eles algumas relações; para só, então, selecionar, recortar e destacar aquilo que o olhar do pesquisador permitiu ver” (LOCKMANN, 2013, p. 46). Trata-se de primar por um olhar cuidadoso e atento, “de um determinado ângulo, com o propósito deliberado, de apreciar, de dizer sim ou não, [...] um olhar que sabe tanto de onde olha, quanto o que olha” (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Cada uma das entrevistas foram gravadas após autorização para tal e transcritas na íntegra. Cada uma das entrevistas teve duração aproximada de 200 minutos. A respeito da escolha dos egressos Técnicos Agrícolas do Campus Sertão, destaco que eles foram indicados por um professor da instituição, da área de formação técnica, que os conhecia por terem sido alunos que se destacavam na participação, muitas vezes voluntária, em projetos de pesquisa e extensão e em monitorias das disciplinas.

Logo após as primeiras análises das transcrições, organizei os dados em uma tabela que possibilitou conhecer, mais detalhadamente, as informações contidas em tais entrevistas, o que foi me oportunizando fazer cruzamentos e perceber recorrências discursivas entre esses dados. Em seguida, resolvi voltar a entrar em contato com 3 dos entrevistados com a finalidade de esclarecer melhor alguns aspectos e fazer “novas” perguntas. Para essas “novas” entrevistas, usei a seguinte estratégia: apresentei a entrevista transcrita ao entrevistado e solicitei que lesse e completasse (ou suprimisse) alguma ideia. A partir disso, novas questões eram feitas por mim.

Vale aqui pontuar o quão importante foi utilizar os textos (entrevistas transcritas). Por meio dessa estratégia, percebo que os novos relatos ficaram mais ricos em detalhes.

Importa salientar que, durante a leitura das transcrições das respectivas entrevistas, os entrevistados, a cada linha, procuravam reconhecer-se, dizendo: “mais fui eu mesmo que falei isso?”; “nossa, como falo difícil às vezes!”; “nessa parte, nem eu entendo o que disse, imagina você!”. Também saliento que, percebi, em suas falas, a preocupação em usar corretamente, em cada exemplo citado ou em cada pensamento expresso, os termos técnicos agropecuários ou científicos. Desse modo, busquei fazer de cada entrevista um exercício de escuta sensível. A seguir, apresento a análise empreendida sobre o material de pesquisa que compõe o corpus deste estudo.

## Resultados e Discussões

Operando com alguns conceitos na análise do material de pesquisa, tenho agora a intenção de mostrar os efeitos fabricados pelo discurso da tecnociência nos participantes do estudo – o modo como ela operou sobre esses sujeitos, governando-os e conduzindo-os a governar a si mesmos na direção da racionalidade neoliberal vigente no campo brasileiro. Resumidamente, Foucault (2008b, p. 203) destaca que, quando se fala em neoliberalismo, seja ele alemão, americano ou, como ele diz, “neoliberalismo contemporâneo”, três são as respostas encontradas:

Primeiro, esta: *do ponto de vista econômico*, o que é o neoliberalismo? Nada mais é do que a reativação de velhas teorias econômicas já surradas.

Segundo, *do ponto de vista sociológico*, o que é o neoliberalismo? Nada mais que aquilo através do que passa a instauração, na sociedade, de relações estritamente mercantis. Por fim, terceiro, *de um ponto de vista político*, o neoliberalismo nada mais é que uma cobertura para uma intervenção generalizada e administrativa do Estado, intervenção tanto mais pesada quanto mais insidiosa e quanto mais se mascarar sob os aspectos de um neoliberalismo (FOUCAULT, 2008b, p. 180, grifos meus).

A partir de agora, apresento os excertos do material de pesquisa que selecionei para compor o corpus de minha análise. Os sujeitos da pesquisa, quando indagados se tem “*como competir no mercado agrícola sem investir em tecnologias?*”, um dos egressos respondeu:

**Carlos:** Nem pensar, isso não existe de *competir no mercado* sem ter tecnologia na propriedade [rural]. Hum! Está difícil de competir no mercado sem isso, sem essas tecnologias, está muito difícil! [grifos meus]. Sim! Compensa investir [tecnologias], porque o dano que, por exemplo, a lagarta faz [...] é muito maior do que o custo da tecnologia. [...] *Nós somos escravos dessa tecnologia.* [...] *Com certeza sempre a gente vai ter lucro com sementes*

*modificadas geneticamente*, porque se coloca semente normal [semente não transgênica]. [grifos meus].

Com relação à presença de tecnologias no campo e quais as vantagens da modernização do setor agropecuário no Brasil, os sujeitos da pesquisa Luis e Jean comentaram:

**Luis:** *Com a tecnologia aumento bastante a produtividade, a produção aumento e também o profissionalismo do agricultor, o agricultor está mais preocupado em se capacitar em saber o que é lançado de tecnologia, em planejar o que faz na propriedade, visando maiores lucros com menor custo.* [grifos meus].

**Gabriel:** [...] novos produtos químicos que contribuem pra produção, *novas sementes [modificadas geneticamente], novos tratos culturais, ou seja, uma série de técnicas que você emprega no cultivo.* Então, a gente começou com o uso de plantas transgênicas, a parte de melhoramento vegetal, ah! Mesmo a cultivar que você colhia 30 sacas por hectare de soja, e hoje você tem cultivares novas [sementes modificadas geneticamente] onde você colhe 100 ou 80 sacas por hectares. [...] *O setor agropecuário nas últimas décadas mudou muito, a gente triplicou a produtividade, a gente tem apostado em novas tecnologias.* [grifos meus].

**Jean:** *A gente vai ter agricultores mais qualificados num curto espaço de tempo, com processos de produção muito novos, menos de dez anos, nós vamos estar trabalhando com Drones pra avaliação de doenças. [...] Quem conseguir seguir os avanços tecnológicos vai competir no mercado, vai estar altura do mercado, os outros agricultores que não seguirem isso [investir em tecnologias] [pensativo!] [grifos meus].*

Os participantes da pesquisa também expressam que o “uso de plantas transgênicas”, ou seja, tecnologias vinculadas à área da biotecnologia<sup>5</sup>, é o que pode trazer maiores lucros para os produtores rurais e, conseqüentemente, favorecer sua inserção e permanência no mercado agrícola nacional e mundial hoje vigente, marcado por competitividade e busca incessante pelo crescimento financeiro. A tecnociência é tomada como a verdade que levará os produtores rurais a aumentarem a rentabilidade de suas propriedades. Portanto, está na ordem do discurso da tecnociência capturar a todos dentro da lógica do mercado neoliberal.

O papel da tecnociência nos excertos é entendido como um fim para se obterem lucros; o seu propósito não é “[...] gerar novos conhecimentos científicos, mas incrementar a capacidade de inovar e de transformar conhecimento em riqueza” (BOCASANTA, 2014, p.41). Esse deslocamento de ênfases é caracterizado por Díaz (2007) como a crise da ciência moderna, fruto do desenvolvimento de um de seus

---

<sup>5</sup> A exemplo, temos as sementes geneticamente melhoradas, resistentes a doenças e com capacidade de adaptação a condições ambientais adversas às de sua origem (PEREIRA, 1999).

subprodutos, a tecnologia. Segundo a autora, “a tecnologia é filha da ciência”. Porém, na atualidade, “[...] a tecnologia (informática, engenharia genética, fusão do átomo, meios massivos de comunicação, entre outros derivados da tecnociência) tem ocupado o lugar de verdade-poder que, até meados do século passado, ocupava a ciência, entendida como busca do conhecimento pelo conhecimento mesmo” (DÍAZ, 2007, p. 35).

Na analítica que realizo aqui, seguindo a autora, considero o neoliberalismo como “forma de vida do presente” que institui certas regras, não apenas com o propósito de posicionar os sujeitos dentro de uma “rede de saberes”, mas também de “[...] criar e conservar o interesse em cada um em particular, para que se mantenha presente em redes sociais e de mercado” (LOPES, 2009, p. 155). Todas as pessoas são conduzidas pelo menos por duas regras que operam nesse jogo neoliberal, que fazem com que elas entrem e permaneçam jogando esse jogo econômico do neoliberalismo. São elas: “manter-se sempre em atividade”; e “todos devem estar incluídos” (LOPES, 2009, p. 155).

Com relação à primeira regra, não é permitido que ninguém pare de jogar o jogo, que ninguém “deixe de se integrar nas malhas que dão sustentação aos jogos de mercado”, assegurando-se que todos, ou a maior parte das pessoas, sejam contemplados pelas “ações de Estado e de mercado”. Assim, garante-se que Estado e mercado estejam cada vez mais vinculados, com a finalidade de “[...] educar a população para que ela viva em condições de sustentabilidade, de empresariamento, de autocontrole, etc.”. (LOPES, 2009, p. 155). Sobre a segunda regra, a autora pontua que as condições de participação são três: “primeiro, ser educado em direção a entrar no jogo; segundo, permanecer no jogo (permanecer incluído); terceiro, desejar permanecer no jogo” (LOPES, 2009, p. 155).

Diante do exposto, considero que o produtor rural na atualidade, para entrar e, principalmente, permanecer no jogo estabelecido pelo mercado neoliberal vigente, deve seguir as regras, dentre elas: ser competitivo e ser empreendedor por meio da adoção de pesquisas biotecnológicas vegetais. Como explicou um técnico agrícola participante desta pesquisa que finalizou seus estudos em 2012 e atualmente frequenta o curso universitário de Agronomia,

Na época, lá na década de 1980, você produzia 30 sacos por hectare e estava bom. Se chegava a 50 estava ótimo, [...]. Hoje a lógica é diferente, eu estou produzindo 70 mas eu já estou pensando em produzir 90 por hectare, é uma lógica diferente hoje. Hoje o mundo é capitalista. Então, a ideia é ganhar dinheiro! *A gente tem mais competitividade na agricultura, o povo [agricultor] quer ganhar dinheiro.* (Gabriel - grifos meus).

Na passagem acima, é expresso que os objetivos das atividades no campo brasileiro estão vinculados diretamente ao capitalismo vigente. A racionalidade neoliberal produz e conduz a expansão e a modernização do campo brasileiro. Esse processo age sobre o homem do campo, conduzindo-o para que siga a lógica imposta pelo mercado, em que interesses giram em torno de obter e acumular lucros. O agricultor hoje é objetivado e subjetivado dentro dessa racionalidade neoliberal, de modo que, para obter mais lucros e ser competitivo, empreende esforços para manter-se jogando o jogo instituído pelo mercado neoliberal, em “[...] gradientes de inclusão que o produzam como sujeito ativo do jogo econômico neoliberal”. (LOCKMANN, 2013, p. 124). O individualismo, a concorrência e a competição são alguns dos fundamentos que direcionam a racionalidade neoliberal. Essa racionalidade é compreendida, ao mesmo tempo, como “produto e produtora de regimes de verdade” (LOCKMANN, 2013, p. 60).

Na perspectiva da lógica neoliberal que, nos dias de hoje, rege o mundo globalizado, nossa sociedade fixa-se e caminha na direção do individualismo, da competição e do empreendedorismo. O sujeito do neoliberalismo é governado pelo poder normativo dos valores econômicos, que migram da economia para a vida social, “[...] instituindo processos e políticas de subjetivação que vêm transformando sujeitos de direitos em indivíduos-microempresas<sup>6</sup> – empreendedores” (GADELHA, 2009, p. 151). Nessa direção, “[...] a nova governamentalidade engendradora busca programar os indivíduos em suas formas de agir, sentir, pensar e situar-se diante de si mesmo através de determinados processos políticos de subjetivação, estabelecendo entre si relações de concorrência” (GADELHA, 2009, p. 151).

Por conseguinte, o discurso da tecnociência produz a verdade de que os lucros na produção rural são obtidos pela adoção, por parte do agricultor, das tecnologias oferecidas pela área da biotecnologia. Digo que a tecnociência é um regime de verdade científico “[...] no qual a verdade constrange e liga porque e na medida em que é verdadeiro” (FOUCAULT, 2011, p. 84). Nessa analítica, os regimes de verdade, científicos ou não, “[...] comportam modos específicos de vincular, de qualquer modo constrangente, a manifestação do verdadeiro e o sujeito que o opera” (FOUCAULT, 2011, p. 85). Lembro

---

<sup>6</sup> Inspirado na analítica foucaultiana, Gadelha (2009) discute inicialmente os modos como os indivíduos são produzidos a partir das práticas de governamentalidade neoliberal. Ao argumentar que o indivíduo é fabricado, dentre outros aspectos, por uma “normatividade econômico-empresarial”, o autor (GADELHA, 2009, p. 180) nomeia essa configuração como “indivíduo-microempresa”.

que Foucault concebe a noção de regime de verdade para “indicar a existência de um dispositivo da verdade segundo o qual os discursos não apenas funcionam como verdadeiros, mas também [...] os procedimentos e as técnicas para obtenção da verdade são produzidos; o estatuto daqueles que dirão a verdade é definido” (AVELINO, 2010, p. 146).

Os excertos seguintes mostram também como, na contemporaneidade, assumem centralidade os processos de gestão da propriedade rural que atendem às exigências do mercado agrícola, marcado pela competitividade:

**Carlos:** [...] *[O agricultor hoje] sabe o que está circulando. Tem internet nas propriedades. A gente fica a par de tudo que está acontecendo no mundo. [grifos meus].*

**Luis:** [...] *Também o profissionalismo do agricultor, o agricultor está mais preocupado em se capacitar em saber o que é lançado de tecnologia, em planejar o que faz na propriedade, visando maiores lucros com menores custos. [grifos meus].*

Tais enunciações explicitam que a busca pelo desenvolvimento e pela competitividade no setor agropecuário brasileiro faz com que haja grande crescimento da necessidade de mão de obra capacitada para lidar com um mundo eivado de tecnologias, de modo que “os próprios agricultores procuram as tecnologias novas” em empresas públicas ou privadas. O produtor rural, dentro da lógica neoliberal, é capturado pela tecnociência e conduzido a ser um empresário de si, ou seja, um sujeito que “[...] faz um certo número de despesas de investimentos para obter certa melhoria” (FOUCAULT, 2008a, p. 317). Trata-se de alguém que lança uma visão empreendedora sobre sua vida e se assume como o único responsável pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso (GADELHA, 2009).

Na sociedade neoliberal, o indivíduo passa a ser o encarregado de sua própria vida, de seu trabalho, de sua qualificação, etc., sendo que, para manter-se e progredir nos tempos atuais, é preciso seguir aprendendo “ao longo da vida” ou por toda a vida (GADELHA, 2009). Na contemporaneidade, a educação e, em particular, a escola (como instituição parte dessa sociedade) têm sido partícipes na consecução desse projeto neoliberal, muitas vezes tomado sem questionamento, como o único caminho possível para o progresso individual e social (VEIGA-NETO, 2001; GADELHA, 2009).

Quando o mercado é regulador das relações sociais, instaura-se, de maneira cada vez mais representativa, uma lógica competitiva. Torna-se uma obrigação, um

imperativo, fazer investimentos sobre si. Entretanto, trata-se não apenas da quantidade de investimentos, mas da qualidade dos investimentos que se faz sobre si. Inseridos nessa espécie de cultura do empreendedorismo (GADELHA, 2009), consolidam-se os indivíduos-empresa.

Como relatado pelos entrevistados recém-formados e, atualmente, graduandos de Agronomia, o curso Técnico em Agropecuária servirá para que possam ter acesso ao ensino superior e/ou dar continuidade a seus estudos:

**Jean:** [...] *No técnico nós tivemos incentivo no momento da formação, os professores incentivavam nós a pesquisar [...]. Desse jeito, [tendo contato e realizando pesquisa] tu consegue concorrer a melhores lugares no mercado de trabalho[...]. [grifos meus].*

**Gabriel:** *Tinha o professor novo [no IFRS-Sertão] de culturas anuais[...], ele sempre trazia e usava nas aulas novas variedades de sementes, de soja e milho. Tinha outro professor que não era novo nem tão velho no curso ele nos ensinou o cultivo de produção de mudas em vitro e como gerenciar a propriedade com GPS de alta precisão. Eu aprendi no curso técnico lá em Sertão que eu preciso continuar estudando seja indo pra faculdade, ou fazendo cursos ou entrando em contato com empresas, pra saber o que estão pesquisando, o que vão lançar de novo no mercado. [grifos meus].*

Os excertos evidenciam o entendimento de que a continuidade dos estudos é fundamental para inserir-se no mercado de trabalho e permanecer atuando como técnico agrícola. Dito de outro modo, há um governamento no sentido de “aprender por toda a vida”, para que o sujeito escolar seja um empresário de si mesmo – para que ele próprio seja um indivíduo microempresa (GADELHA, 2009). Desse modo, em sua formação como técnico agrícola, o sujeito é estimulado a realizar investimentos sobre si mesmo que retornem, em médio ou longo prazo, para seu próprio benefício. É possível apontar que, nas tramas do capitalismo atual, se institui “uma espécie de cultura do empreendedorismo” (GADELHA, 2009, p. 179), que se dissemina por toda a sociedade.

Nesse contexto, a educação é considerada fundamental, pois faz parte do objetivo do governo da população tomá-la não apenas como “[...] sujeito de necessidades e de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, frente ao governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça” (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Também se pode inferir, a partir do conjunto de excertos acima apresentados, que a qualificação profissional e a consequente inserção no mercado de trabalho dos participantes do estudo estão diretamente relacionadas às mais recentes reformulações curriculares do curso Técnico em Agropecuária, que abrangeram o uso das novas

tecnologias. Portanto, nesse contexto de expansão da modernização do campo brasileiro, o produtor rural espera encontrar um profissional qualificado que conheça tecnologias vinculadas à área da biotecnologia vegetal e que consiga orientar os agricultores a usá-las.

Na contemporaneidade, a educação e, em particular, a escola tem sido participante na difusão do discurso neoliberal, muitas vezes tomado sem questionamento, como o único caminho possível para a ascensão pessoal e da sociedade como um todo. A escola teria como meta ser o “elo de ligação [...] entre o desejo do sujeito (de preferência, jovem) e o mundo da tecnociência, entre a vontade de aprender e a certeza de nunca ser possível aprender o suficiente” (BOCASANTA, 2014, p. 93).

### **Palavras Finais**

Na seção que encerra este artigo, destaco que, o artigo não teve a pretensão de construir verdades únicas; o que fiz foi procurar produzir um material de pesquisa o mais rico possível. Estou ciente de que o estudo gerou, apenas, algumas possibilidades de examinarmos e refletirmos sobre as formas como a governamentalidade neoliberal se articula com o campo da Educação. Diante disso, resalto algumas conclusões que podem ser evidenciadas a partir do exposto neste texto.

Para tal, afirmo que o material de pesquisa analisado, levou-me a fazer três inferências a respeito de como os egressos foram sujeitados e regulados pelo discurso da tecnociência. Primeiramente, os participantes da pesquisa são conduzidos e subjetivados pela lógica neoliberal competitiva, individualista, etc. Em segundo lugar, os sujeitos da pesquisa manifestam que é por meio da tecnociência que os agricultores, vão conseguir uma maior produtividade em suas propriedades, o que os torna dependentes das tecnologias. Competitividade passou a ser condição decisiva para continuar e progredir na atividade agrícola. Em terceiro lugar, as práticas de gestão da propriedade são fundamentais para inserir se e manter-se no mercado neoliberal competitivo, operando sobre o agricultor e fazendo-o ser empresário de si e buscar aprender por toda a vida.

Segundo Morgenstern (2016), o neoliberalismo não é uma maneira de “governo econômico”, mas um governo que precisa atuar sobre a sociedade e, por isso, é um “governo de sociedade que tem na competição seu mecanismo regulador” (MORGENSTERN, 2016, p. 181). Portanto, afirmo que os participantes do estudo são objetivados e subjetivados, seguindo a lógica do capitalismo vigente, a serem

empresários de si mesmos. No cenário dos avanços tecnocientíficos – da tecnociência –, a verdade produzida insere-se em uma racionalidade cada vez mais disseminada, que busca tornar, cada um, empresário de si mesmo. O empreendedorismo constitui-se como “uma verdade dos nossos tempos” e “[...] cria novas subjetividades que aparecem em estreita consonância com a racionalidade neoliberal” (LOCKMANN, 2013, p. 138). Assim, concluo que a tecnociência é uma forma de exercício da governamentalidade neoliberal, isto é, considero que a tecnociência se vincula à racionalidade neoliberal sustentada por determinadas verdades que atuam sobre os sujeitos, conduzindo-os e fazendo-os conduzir a si mesmos. A tecnociência, por meio das empresas privadas e públicas, é mobilizada por um conjunto de práticas que regulam a produção de conhecimento agropecuário na contemporaneidade.

O curso Técnico em Agropecuária do IFRS-Sertão, como mostrei neste artigo, tem seus propósitos ampliados de acordo com o tempo em que está inserido, ou seja, em um momento de modernização do campo que tem como sua principal característica o desenvolvimento da área da Biotecnologia Vegetal, em que o discurso da tecnociência sujeita o futuro técnico em conformidade com as tramas da governamentalidade neoliberal. Diante de tais considerações, finalizo dizendo que o referido curso, em conformidade com o discurso neoliberal vigente conduzia os seus estudantes a admitir como verdade que a tecnociência é o que pode leva-los a terem sucesso em sua vida profissional e conseguir excelentes colocações no mercado de trabalho agrícola.

## REFERÊNCIAS

- AVELINO, N. Foucault e a anarqueologia dos saberes. In: FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos)**. Tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011. p.17-37.
- BOCASANTA, D. M.; KNIJNIK, G. Dispositivo da tecnocientificidade e iniciação científica na educação básica. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 139-158, jan./abr 2016.
- BOCASANTA, D. M. **Dispositivo da Tecnocientificidade: A Iniciação Científica ao Alcance de Todos**. 2014. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2014.
- CASTELFRANCHI, J. **As serpentes e o bastão: tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade**. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

- CUPANI, A. A racionalidade tecnocientífica e o seu desafio à filosofia da ciência. **Revista Dois Pontos**, v.12, n. 1, p. 171-183, abr 2015.
- DÍAZ, E. **Entre la tecnociência y el deseo**: la construcción de una epistemología ampliada. Buenos Aires: Biblos, 2007.
- FISCHER, R. M. B. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FOUCAULT, M. O grande internamento. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos I. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.
- FOUCAULT, M. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault: entrevistas**. São Paulo: Grall, 2006.
- FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980**: excertos. Tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GADELHA, S. **Biopolítica, governamentalidade e educação. Introdução e conexões a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- LAGASNERIE, G. **A última lição de Foucault**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LATOURETTE, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Unesp, 2011.
- LOCKMANN, K. **A proliferação das políticas de assistência social na educação escolarizada: estratégias da governamentalidade neoliberal**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2013.
- LOPES, M. C. Políticas de Inclusão e Governamentalidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 153-170, mai./ago 2009.
- MORGENSTERN, J. M. **Práticas de correção e aprendizagem: produção de subjetividades na contemporaneidade**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2016.
- PEREIRA, M. F. **Evolução da Fronteira Tecnológica Múltipla e da Produtividade Total dos Fatores do Setor Agropecuário Brasileiro de 1970 a 1996**. 1999. Tese (Doutorado em Engenharia) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 1999.
- SOUZA, D. M. X. B. **Narrativas de uma professora de matemática: uma construção de significados sobre avaliação**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -UFMS, Mato Grosso do Sul, 2015.
- TOLEDO, N. de T. e. **Educação matemática e formação do técnico agrícola: entre o “aprender pela pesquisa” e o “aprender a fazer fazendo”**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2017.



VEIGA-NETO, A. Estudos biopolíticos e educação na América Latina: avaliação e perspectivas. In: IV Colóquio Latinoamericano de Biopolítica – CLAB, **II colóquio Internacional de Biopolítica y Educación – CIBE**. Bogotá, 2013. Disponível em: Acesso em: 12 jan. 2015.